

Seminário de Apoio Carlos Augusto Vilas
na sua viagem na Academia Brasileira
de Letras, no Dia 26 de Junho de 2003

2003-06-26

4ª Parte

Discursos

Um discurso de abertura foi feito por Carlos Augusto Vilas, presidente da Academia Brasileira de Letras, no Dia 26 de Junho de 2003.

Depois disso, houve um discurso de Carlos Augusto Vilas, presidente da Academia Brasileira de Letras, no Dia 26 de Junho de 2003.

Depois disso, houve um discurso de Carlos Augusto Vilas, presidente da Academia Brasileira de Letras, no Dia 26 de Junho de 2003.

Depois disso, houve um discurso de Carlos Augusto Vilas, presidente da Academia Brasileira de Letras, no Dia 26 de Junho de 2003.

Depois disso, houve um discurso de Carlos Augusto Vilas, presidente da Academia Brasileira de Letras, no Dia 26 de Junho de 2003.

Depois disso, houve um discurso de Carlos Augusto Vilas, presidente da Academia Brasileira de Letras, no Dia 26 de Junho de 2003.

Discurso de Posse na Academia Cearense de Letras

Carlos Augusto Viana

Senhor presidente da Academia Cearense de Letras, Acadêmico Artur Eduardo Benevides. Senhoras e senhores acadêmicos, senhoras e senhores, caríssimos amigos:

I

Palmilhar esta Casa – sua memória,
esculpida em suor e devaneios –
é recompor os nomes dos que sabem
reconstruir um rio pelos seus veios.
As paredes são vozes; e suas portas,
pergaminhos cerzidos por esteios.
Nos cílios das janelas, que suspiros
dilataram as pétalas dos seios!
As letras dos silêncios dos retratos.
A pele secular de cada móvel.
O relógio de passos tão exatos.
O olho insone nas pálpebras dos livros.
As cadeiras são côdeas do precário
compromisso de nosso itinerário.

II

A Casa tem varanda imaginária
brotada de outras mãos que não pedreiras;
as vigas são de vidro e se oferecem
às conchas de outro mar, de outras areias.
O vento que aqui chega só traz letras,
dispersas nos papéis do pó das horas,
num livro que se faz a cada dia:
novo que jamais se desenrola.
Daqui se vê o linho trabalhado
por bilros de rendeiras encantadas
sob a palha curtida na memória.

Percorre o tempo inteiro essa varanda
um rio de roteiros retorcidos
a desaguar no cais dos meus ouvidos.

III

A Casa guarda o tempo e seus escritos
em cada filamento das paredes:
seja nos alfarrábios desses olhos,
ou no suor nos móveis incrustado.
A Casa sabe o sal de seus momentos,
aberta está assim a mais passeios,
por corredores outros, outras portas,
quartos suspensos, bicos nos quintais.

A Casa está fincada nos meus versos
porque é criadora e criatura:
o seu barro e a cal presos a meus cílios.
A Casa, nesta praça, sombra pura,
espumas por si mesmas ordenadas.
Deixai-me conduzir-vos às fachadas.

IV

O cedro desta Casa, seus tijolos,
à Rua do Rosário, neste número,
o primeiro, porque marco geodésico
de um povo mais que povo – o próprio húmus.

Os quadros desta Casa, a cada traço,
é sempre ao inefável a que reportam:
as jangadas em músculos, as espumas
que lembram as rendeiras, seus inventos;
paisagens que flutuam sobre a líquida
pele de que se cosem os tecidos
que a memória fabrica a seus legados.
A Casa – mais que casa – é ofertório
a quem busca na linha do horizonte
o mais deserto azul ali defronte.

Assim, eu, Carlos Augusto Viana, nascido aos 22 de março de 1955, filho de Carlos Alberto Vieira Viana e de Maria Leirice Pereira Viana, criado entre a fumaça das fábricas e as fibras em mel dos canaviais (momentos que tentei recuperar em dois poemas mínimos: "Mapa":

Todo território
é infância.

Lembrança
da casa antiga
com seus cães canteiros e cantigas
as paredes caiadas de solidão.

De pó não se pode cobrir
as veredas da memória:
sempre salta um menino
se o velho se anuncia,
sempre explode açúcar
se a manhã é passarinho.

e "Fazenda":

havia

um verso paciente
como as flores
que escalam
os muros dos quintais

e

a solidão
de
um boi
mastigando a tarde.);

assim, eu, filho de dois trabalhadores incansáveis, que perseguiram, com tenacidade, a educação dos seus seis filhos, porque sem-

pre acreditaram na força dos livros, no poder transfigurador das palavras; eu, colecionador de espantos e operário da memória; aluno dos gloriosos colégios: 7 de Setembro; Júlia Jorge; Carlos de Carvalho; e Liceu do Ceará; graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará e Mestre em Letras por esta mesma instituição de ensino; poeta e ensaísta, autor de *Primavera Empalhada*, *Inscrições dos Lábios*; *A Báscula do Desejo* (poesia) e de *Drummond: a Insone Arquitetura* (ensaio); eu, casado com a psicanalista Laéria Fontenele e pai do Lucas; assim, vivo, aqui, um momento de grande honra, uma vez que a Academia Cearense de Letras constitui uma das mais respeitadas academias do país, por não ser afeita a concessões e, principalmente, pelas qualidades intelectuais, morais e criadoras de seus membros.

Sentar-me em uma das cadeiras desta Casa implica, também, um reconhecimento que escritores notáveis e pensadores de nomeada, comprometidos todos com o alfobre das palavras, com a transmissão do saber e com a construção dos alicerces de um tempo, dão à minha pequena obra, enxergando nela algum valor. Além disso, a oportunidade de reencontro com pessoas que foram muito importantes em minha formação intelectual e/ou profissional.

Ainda adolescente, um dos primeiros livros modernistas que li (e que a mim me foi apresentado pelo, hoje médico e pesquisador, Marcelo Gurgel) foi *O Viajante da Solidão*, de Artur Eduardo Benevides. Juarez Leitão e César Barros Leal foram meus professores no, então, Curso Científico. Fui aluno de Cid Carvalho no Curso de Comunicação Social na UFC e de Angela Gutiérrez, Carlos d'Alge, Diathay Bezerra de Menezes, Linhares Filho, Horácio Dídimo, Pedro Paulo Montenegro, Sânzio de Azevedo e Teoberto Landim no Curso de Mestrado em Letras (quanto a este momento de minha formação acadêmica, aproveito a oportunidade para, de público, reconhecer o empenho, a dedicação e a paciência com que o professor, ensaísta e poeta, acadêmico José Linhares Filho, orientou-me num audacioso projeto de realizar uma leitura da obra de Carlos Drummond de Andrade). Em meio a isso, desfrutei, ainda, a amizade dos sempre presentes Antônio Girão Barroso, Caetano Ximenes Aragão e Moreira Campos.

Sim, de há muito, eu cultivava contatos com esta Casa: uns, através de minha atividade de jornalista, pois, numa série de en-

trevistas ou de edições de textos, percorri o pensamento de Costa Matos, de Abelardo Montenegro, de F. S. Nascimento, de João Clímaco Bezerra, de J. C. de Alencar Araripe, de Batista de Lima, de Luciano Maia, de Eduardo Campos, de Sânzio de Azevedo e de Teoberto Landim; por outro viés, li e escrevi sobre a obra de Angela Gutiérrez, Batista de Lima, Beatriz Alcântara, Carlos d'Alge, Dimas Macedo, Francisco Carvalho, Giselda Medeiros, Horácio Dídimo, Linhares Filho, Marly Vasconcelos, Natércia Campos, Pedro Henrique Saraiva Leão, Rachel de Queiroz e Regine Limaverde; estudei, também, quando nos bancos de mestrado, os ensaios de Noemi Elisa Aderaldo.

Por fim, ainda no território das aproximações, quis os cor-deis do haver que, ao iniciar minha atuação no magistério, a que fui conduzido, nos primórdios de 1975, pelas mãos dos grandes mestres da Língua Portuguesa Edmílson Monteiro Lopes, Francisco Paulo Monteiro e Genoíno Sales, a estas também se juntassem as dos, hoje acadêmicos, Juarez Leitão e Teoberto Landim, com quem passei a dividir as escadas, as salas de inúmeros colégios e cursinhos desta cidade. Há quase trinta anos tenho-me dedicado ao ensino e à transmissão da Literatura Brasileira e da Leitura e Interpretação de Textos. Atualmente, no Ensino Médio, trabalho nos Colégios Batista, Geo, Master e 7 de Setembro; no Ensino Superior, sou professor-assistente do Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará.

Aqui chego, trazido pelas mãos absolutas dos membros desta Casa. Vejo, à minha frente, a cadeira nº 3, cujo patrono é Antônio Augusto de Vasconcelos; e o antecessor, o homem plural Antônio Martins Filho.

Antônio Augusto nasceu em Maranguape, aos 23 de dezembro de 1852. Aos 22 anos, destinado, a princípio, à ordenação, ingressou no Seminário Diocesano de Fortaleza, de onde sairia um ano depois em direção a Pernambuco para cursar a Academia de Direito do Recife, na qual se graduaria, aos 28 anos, com louvores de seus mestres.

Já em Fortaleza, assumiu, nas comarcas de Canindé e Granja, no interior do estado, as funções de promotor. Cedo, seu espírito visionário – no sentido daquele que vê muito além dos outros –

fundou o jornal *Granjense*, um estabelecimento de ensino popular e um gabinete de leitura. Aos 30 anos, era nomeado juiz municipal de Aracati; um ano depois, em 1883, transferido para a comarca de Pereiro. Abolicionista fervoroso, fundou, dentre inúmeras instituições culturais, o Instituto Histórico do Ceará, em 1887. Substituiu a magistratura pela maior de sua vocação: o magistério – tanto em escolas públicas quanto particulares.

Assim, foi professor de História na Escola Militar; de Geografia, no Liceu. Com o Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil, ajudou a fundar a Faculdade de Direito do Ceará, onde também lecionou. Orador, seduzia as palavras, subjugadas ao relâmpago de seu raciocínio. Não reuniu sua obra em livro; encontra-se toda ela esparsa em jornais e revistas. Faleceu, aos 78 anos, no dia 10 de março de 1930, quando exercia o mandato de deputado estadual no Ceará.

Antônio Martins Filho percorreu, por quase cinquenta anos, os corredores e salas da Universidade Federal do Ceará, enchendo-os de quadros de arte, de esculturas, de livros e de projetos coletivos, inúmeros, aqui, simbolizados pela Coleção Alagadiço Novo – o maior marco editorial do Ceará; imensa, sua produção literária e acadêmica compreende ensaios, discursos e memórias: *Exortação aos Moços*; *Noções de Economia Política*; *As Lutas da Independência: a Província do Ceará e a Independência Nacional*; *Disciplina Jurídica do Comércio Aéreo*; *Uma Universidade para o Ceará*; *Autonomia das Universidades Federais*; *O Universal pelo Regional – definição de uma política universitária*; *A Universidade no Brasil*; *Rui, o Artista*; *O Outro Lado da História*; *Reflexões sobre Augusto dos Anjos*; *Memórias – menoridade*; *Memórias – maioridade*, tomos I e II; *Memórias – maturidade*.

Antônio Martins Filho: um corpo de muitos espíritos. Citá-lo exige pautas e mais pautas. Hugo Vítor, ao organizar uma *Antologia dos Poetas Cearenses*, incluiu, dentre muitos poemas que Antônio Martins Filho publicou em jornais e revistas, o soneto “Estrada suave”:

Como somos felizes, minha Amada,
Nesta doce harmonia em que vivemos...
Rosas, somente rosas é o que vemos
Na que trilhamos luminosa estrada.

Sou o teu Fauno; tu és a minha Fada
E sempre assim unidos marcharemos
Que os fúlgidos lauréis sempre teremos
Nesta de amor transcendental jornada.

E a existência levando de vencida
Dizes que vivo para o teu encanto,
Tu que de encanto teces minha vida.

Avante! Sus! Sorvamos o esplendor
Do termo róseo deste idílio santo,
Glorificados pelo nosso Amor!

Antônio Martins Filho, não obstante sua alma de guerreiro, sua "convicção de que é possível ver o invisível, que o visível está povoado de invisíveis a ver, e que, vidente, é aquele que enxerga, no visível, sinais invisíveis aos nossos olhos profanos" (CHAUI), daí a sua disposição em construir o novo, o seu amor pelo desconhecido; pois, apesar de tudo isso, não perseguiu na poética o épico ou o dramático; foi, irremediavelmente, um lírico. Em

Memórias – menoridade, confessou que "fazia poesia ao meu gosto, embalado pela melifluidade amorosa ou pela melancolia nitidamente romântica das minhas fantasias, dos meus sonhos, das minhas ilusões....

Deliberadamente, Antônio Martins Filho pôs as composições poéticas em segundo plano, limitando-se a publicações esparsas aqui e alhures. Dedicou-se, já muito cedo, à oratória, arte que, como poucos, dominou. Dono de uma memória privilegiada, tanto que reconstruiu sua vida em quatro densos volumes, conseguia armazenar vários esquemas de argumentações da

mesma forma como atravessava o território da interdisciplinaridade. Duma feita, assim sintetizou a arte do discurso:

Com o decorrer dos dias, fui observando que era importante, para o orador, começar bem o discurso; no decorrer da falação, dar ênfase às palavras e utilizar-se de algumas mímicas bem sintonizadas com o assunto versado; não se estender muito, nem mesmo quando aplaudido e, por último, terminar de maneira incisiva e num tom de voz superior ao até então usado.

Leitor fervoroso de Augusto dos Anjos, a ele dedicou um ensaio, lendo-lhe os poemas, com arguta habilidade, e, principalmente, não esquecendo a figura de quem os escrevera:

... afigura-se oportuno analisar o poeta sob outra dimensão, ou seja, o homem comum Augusto dos Anjos, saudável, alegre, faceto, galanteador e em perfeita harmonia com os seus semelhantes e com a vida.

Mais do que criador de universidades, foi, acima de tudo, um defensor ardoroso de sua independência:

As Universidades Federais são, pois, órgãos autômatos do Poder Executivo. Órgãos, porque, apesar do caráter institucional de que não podem prescindir, não são sociedades, nem empresas, nem autarquias.

Trabalhou, incansavelmente, por sua solidificação:

Muito cedo compreendi que o êxito na administração de um organismo complexo como é uma Universidade não seria alcançado com a imposição de normas rígidas determinadas de cima para baixo.

Da mesma forma, sempre ciente do diálogo que deve haver entre a sociedade e a casa maior de ensino:

Todo aquele que se beneficiou da Universidade pública e gratuita está na obrigação de contribuir para a manutenção da instituição.

E, de modo obstinado, converteu-se, para todo o sempre, um guardião daquele mundo, simbolizado pela reitoria:

Permaneço lá, na Reitoria. Ficarei lá, assim como uma espécie de móvel ou utensílio – um birô. Quero ficar lá no meu gabinetezinho modesto. Não preciso de honrarias, tenho de cumprir essa determinação.

O que não dizer de Antônio Martins Filho? Deus não me deu a mim a prosa fluente, as palavras-pássaro, as palavras-folha. Tampouco o rio caudaloso da oratória. Assim, ante a grandeza do meu antecessor, só consegui compor-lhe, em ritmo variado, em poesia, gênero a que tanto admirava, uma modéstia tentativa de refazer, arbitrariamente, algumas horas de seu longínquo caminhar:

MEMORIAL DE ANTÔNIO MARTINS FILHO

I

Refazem-se o barro – em paredes e telhas –
as estacas, as franjas do rio Salamanca,
para que, no hemistíquio de Barbalha e Missão Velha,
erga-se o Sítio Santa Teresa;
e, recomposto o novelo do tempo,
Antônio Martins de Jesus e Antônia Leite Martins
ouçam os passos, ainda em emaranhado de sons,
do menino Antônio Martins Filho: 21 de dezembro de 1904.
E outra vez explode o melão-de-são-caetano
ao bico dos galos-de-campina, às notas marciais do sabiá.
Um mel interminável cobre o pão
que se multiplica sobre o dorso do cedro.
O pai contempla o filho e se inclina

sobre os limites de seu corpo indefinido.

A mãe teme os lábios do vento,
a procissão de asas,
a noite em folhas de harpas e violinos.

II

Um vento existe;
e percorre as vinte portas e as quatro janelas;
e desfolha, um a um, os calendários;
e acompanha o ritmo binário da pêndula;
e leva o menino à Rua do Fogo na cidade maior de Barbalha:
a primeira – dentre as inúmeras facetas da morte;
Carlos Magno e os doze pares de França;
a Ponte do Vintém – nas sesmarias do Maranhão –
o talefe dos pés andarilhos de Antônio Martins de Jesus
e dos andarilhos olhos do Filho.

III

Ei-lo, agora – Antônio Martins Filho –
em Juazeiro, à rua da Conceição:
a casa perdeu dezenove portas;
e conserva apenas duas, das primeiras quatro janelas.
Juazeiro enorme aos cílios em medo do menino:
a loucura esquelética do Taú,
as fitas do Boi Manso,
os dedos em cactos dos romeiros,
a nênia em chamas dos penitentes,
os milagres de Padre Cícero.
O anátema por sobre a construção da Igreja do Horto:
Crato afogado em água, Juazeiro ardendo em fogo.

IV

Ei-lo – Antônio Martins Filho –
agora, em Iguatu, na rua do Cisco:
o trem, a estranha cartilha de sua fumaça.
Os dedos do pai se desfibravam em músicas:
o primeiro estranhamento com o belo.

Depois, o leque das perdas:
o irmão Vicente,
a saúde do pai,
a mãe aflita.

E outra vez Barbalha:
imperiosa sobre um morro,
pajeada por canaviais.

V

Ei-lo, agora – Antônio Martins Filho –
no Crato: as calçadas
– em sandálias e cajados dos peregrinos –
ensombradas pela palha dos retirantes.
O sol de 1915 fragmentou-se em línguas
e sorveu, de um só fôlego, a água dos rios.
Uma crosta de pó e de poeira descortinava-se
à passagem dos andrajosos.
E para sempre aquele rosário de ossos
pregou-se às pálpebras do menino.
Rapaz, ainda o atormentava; até que,
homem maduro,
conseguisse triturá-lo por incisivas lâminas.

VI

Gazeta do Cariry: tipografia.
Antônio Martins Filho:
aos onze anos, auxiliar de tipógrafo.
A sedução das letras.
O desastre de um anúncio
que o separaria – mas por pouco tempo –
da pele dos sonetos.
Deixou o jornal,
mas, para todo o sempre,
impregnado de palavras.

VII

1916: em busca de Lavras de Mangabeira
os pés do menino acompanhavam os do pai:
enquanto este fazia selas, aquele cerzia a paisagem.

1917: a rebeca do Cego Aderaldo,
a inauguração da Estação de Trem.

1918: as cheias do rio Salgado;
a primeira viagem a Fortaleza:
a Praça do Ferreira,
o Passeio Público,
a Ponte Metálica,
o assombro espumoso do mar.

1919: de volta ao Crato, o alumbramento
da luz elétrica, os pés redondos do automóvel.
Depois, a chama das letras: o Jornal das Moças,
a tosse e as visões noturnas de Álvares de Azevedo;
o Enigma, suas charadas, os logogrifos,
a pele aquosa dos dicionários.

1921: caixeiro de "As pernambucanas",
Antônio Martins Filho,
em curso noturno,
descortina os estudos regulares.
E desde, então, os Lusíadas;
os poetas e prosadores românticos e realistas;
Olegário Mariano
e suas jangadas de velhas inchadas;
o cajueiro
de Juvenal Galeno;
os contrastes
do Pe. Antônio Tomaz.

1922: conhecimento de Augusto dos Anjos:
"A árvore da serra"; "O vandalismo".

A Academia dos Infantes, o jornal "A classe",
os primeiros sonetos, a oratória.

Ei-lo, Antônio Martins Filho,
sob o sol, as fibras de sal,
de São Luís do Maranhão.
Percorre, agora, o adro da igreja de São Benedito;
alumbrado,
palmilha os passos em plumas
daquela que, aos 20 de abril de 1927,
seria Dona Maria de Carvalho Martins,
com quem desfolharia um alfobre de caminhos:
Antônio Martins Filho,
o comerciante,
o jornalista, redator da Voz do Povo
o acadêmico de Direito em Teresina,
o co-diretor do Ginásio Caxiense,
o chefe-municipal dos integralistas de Caxias,
o reservista do Tiro de Guerra,
o proprietário do Cine Rex,
o sócio-maior e gerente das águas termais da fonte Veneza,
o Bacharel em Direito, em 1936, pela Faculdade de Direito do Piauí,
o licenciado em História Geral e do Brasil e em Geografia.

1937: as firmas em bancarrota, a magreza, a indelével sezaõ,
o intempestivo e irreversível retorno a Fortaleza.

Desfibram-se as horas,
Antônio Martins Filho:
o advogado,
o fundador da Academia Comercial Pe. Champagnat,
o proprietário da Editora Fortaleza,
o regente da Cadeira de Noções de Economia e Estatística
do Curso Pré-Jurídico no Liceu do Ceará.

1944: Antônio Martins Filho no Ceará –
o professor efetivo da Faculdade de Direito;

e, após dez anos, de obsessiva luta,
aos 16 de dezembro de 1954,
funda a Universidade Federal:
reitor nos doze primeiros anos.

VIII

20 de dezembro de 2002.

A noite imprime sua caligrafia
por sobre a cartilha de vosso rosto.

Dissolvem-se paisagens.
O mar são harpas surdas.
As árvores imóveis.
Os olhos imóveis.
Imóveis, os insetos,
a folha do calendário,
os livros em palmas,
as gavetas da biblioteca.

A vosso lado, Augusto dos Anjos
faz sua a angústia de um povo
a que, com vossas mãos,
sempre em barro,
ajudastes também a modelar.

Desfolham-se os botões do paletó,
a seda do lenço. Embaçam-se
lentes, desbotam-se gravatas,
fogem cadarços. Há livros aflitos,
jornais desordenados,
anotações a lápis,
asas sem bússolas,
navios órfãos,
cardumes perplexos,
e uma enorme noite por sobre as porcelanas.

IX

Mas uma lua existe, e espera o vosso rosto;
o mar também é um ofertório.

Já não carregais,
em vossa cesta,
os pães e os peixes,
de inexaurível urgência.

Já não carregais,
em vosso cântaro,
o rio que sacia
a sede dos pobres.

À sombra das claves,
mesmo em veigas de arames,
há roças possíveis,
palavras que intumescem
ao simples sussurro de chuva,
páginas que retornam aos livros,
janelas
que se abrem aos olhos do filho pródigo.

X

Vossas mãos, vossas veias, vossos olhos,
vossas palavras sempre em oferendas:
o gosto pelo mar, pelos desertos
a serem desenhados nas insônias.
Há silêncio geral por sobre as ruas
das cidades gerais que percorrestes,
não com sapatos, mas com outros olhos
alheios aos que não podem tocar
o tecido da rosa em seu declínio.
A noite tem suas aves de rapina
e jardins de nenúfares terríveis.
A noite ilude assim qualquer navio
e cirze muito bem qualquer brinquedo.
A noite cose a túnica do medo.

XI

Antônio Martins Filho – envolto em linho.

As mãos que prepararam tantas ceias

estáticas agora; o desalinho

dos óculos, o calmo rio das veias.

Antônio Martins Filho – no caminho

das águas calmas, tácitas areias,

pouso de folhas, pluma de estorninho,

dunas de seda, pétalas em teias.

Antônio Martins Filho, no seu abáculo,

tece, agora, outras cartilhas, e o oráculo

já não mais o encaminha a qualquer prática:

seus passos d'outras rotas se banharam.

Desfaçam-se os compêndios de Gramática:

Antônio Martins Filho – se encantaram.

Muito obrigado.